REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

ERNST CASSIRER

FLORIVAL SERAINE

Mercedes Rein, nesta obra, (*) estrutura com propriedade e segurança a exposição das idéias de Cassirer em sua trajetória mental, tendo em vista o campo da filosofia da linguagem, em que êle gravou marco significativo.

Revela, pois, a autora domínio dos temas e destreza intelectual suficientes para estabelecer um processo compositivo, que atende às exigências lógicas.

Considerando-se a sua declaração introdutória de que, nesta monografia, procura indicar apenas "as linhas essenciais do pensamento do filósifo em tôrno do problema da linguagem e esquadrá-lo no panorama mais vasto que constitui a filosofia da cultura", por êle elaborada, cremos que realizou satisfatòriamente, e com certo brilho mesmo, o escopo colimado.

Seu método de trabalho foi, sem dúvida, adequado: focaliza, em justa medida, as três etapas da filosofia de Cassirer, ocupando-se de cada uma de acôrdo com a importância que lhe cabe, em relação ao tema central — o problema da linguagem, que acaba por situar no foco mesmo da sua tropologia filosófica ou teoria do homem, e ao qual, coerentemente, dedica os mais extensos e minuciosos capítulos.

A "Filosofia das Formas Simbólicas", ou antes, o primeiro tomo dessa obra, dedicado à linguagem, teria, evidentemente, de merecer atenções especiais.

Não obstante o próprio Cassirer reconhecer, posteriormente, que certas das suas idéias, aí expressas, deveram modificar-se em presença de novos fatos e por ter-se êle defrontado com outros problemas, constitui a mesma o fulcro de tôda a sua concepção da linguagem,

---

(*) *"La Filosofia del Lenguaje de Ernst Cassirer" — Departamento de Lingüística — Universidade de la República Montevidéu*, 1959.

como "a concepção Kantiana de *forma* foi básica para a totalidade do seu pensamento", no dizer de Charles W. Hendel.

A "teoria geral do símbolo" e a "linguagem como universo de sentido" são dois capítulos do volume em que se resumem as principais formulações conceptivas de Cassirer sôbre a linguagem, contidas na F.F.S. No primeiro, se abordam o simbolismo natural e artificial, as funções do símbolo e a arte como forma simbólica; no outro, Mercedes Rein recolhe talvez as idéias mais definidoras do pensamento que a ocupa.

Mas aqui já se invocam alguns postulados contidos em livro mais recente — "As Ciências da Cultura", em que a linguagem, no plano das outras manifestações culturais — a arte, a ciência, o mito, a religião — só poderá ser investigada e compreendida, essencialmente, na órbita de uma fenomenologia da percepção.

Da fundamentada análise que elabora o pensador alemão ao tratar das "categorias no universo de sentido linguístico (intuitivas, conceptivas e relacionais), logra a escritora oferecer cuidada resenha, que inclui, não só os pontos capitais, mas aspectos particularizados dos temas.

Os dois últimos capítulos concernem à "linguagem como expressão e comunicação" e a "linguagem e mito", ao qual se incorpora a síntese do trabalho sôbre "o poder da metáfora", que se encontra em "Linguagem e Mito", desenvolvido com base em documentação especializada.

Em suma, as obras da autoria de Cassirer que foram selecionadas para fontes desta composição intelectual constituem de fato o manancial preferível, desde quando, saído da escola neo-kantiana de Marburgo — um idealista lógico, portanto, o filósofo elabora a sua teoria da ciência e da verdade, até alcançar o ecletismo de seus últimos anos, em que a própria "filosofia das formas simbólicas" sofre — como já se observou — modificações, ao contacto das idéias que influíram sôbre a preparação das suas teorias da cultura e antropologia filosófica.

Vimos até aqui o acêrto metodológico com que se distribuiu o texto, na sucessão dos capítulos e subdivisões dêstes. Procuremos apreciar-lhe agora o conteúdo conceptual, fixando, antes do mais, as suas características expressivas.

Certo, as proposições se acham dispostas com regularidade no contexto e são apresentadas com nitidez, de modo a refletir assimilação, pela autora, do seu autêntico sentido, o que atribui à mesma familiaridade com a matéria filosófica em geral e no particular linguístico e cultural.

Apesar do informe inicial de que não obedece a vastos propósitos analíticos (não deixa transparecer nesta obra sua orientação teórica fundamental), é óbvio que, com distinguir os problemas e as teses que

devem ressaltar-se; só com selecionar e destacar, de modo adequado, as estruturas formais para a exposição, articulando e ordenando lògicamente os enunciados, já esboça qualidades do espírito de análise e crítica.

Demais, ela chega, por vêzes, a operações mentais de outra envergadura.

Assim, quando opõe o condutismo às idéias de Cassirer, ao acentuar a distinção dos *símbolos e sinais* ou signos operadores, em certo trecho da "discussão em tôrno do conceito do sentido".

Também, quando mostra o que da psicologia evolutiva, da *Gestaltpsychologie,* aproveitou o filósofo ao elaborar os fundamentos de concepções sôbre a linguagem e a cultura. E, por certo, quando delimita a herança kantiana do pensador de Marburgo, na sua freqüente crítica à teoria mimética, fundamento daquele "realismo ingênuo" que se contrapõe ao "idealismo crítico" desenvolvido pelo gênio de Koenigsberg, ainda que, segundo o próprio Cassirer, seus antecedentes remontem a Platão.

E não só nesses passos da obra há o que anotar, a propósito de nossa assertiva.

Referindo, de passagem, que algumas vêzes parecem vagas ou ambíguas as formulações de Cassirer, frisa que êle nunca intenta passar do plano físico ao cultural por via explicativa e "considera que êsse trânsito representa uma diferença específica inexplicável, uma *metabasis eis allo genos,* para citar uma de suas expressões favoritas".

O acento pôsto por Cassirer na função representativa da linguagem, característica da sua tradição idealista neo-kantiana, é visto pela escritora em confronto com as concepções de Vossler e Croce, para os quais a linguagem é, antes de tudo, expressão.

No debate sôbre a distinção entre ciência e linguagem como formas culturais, traz à baila ainda o pensamento de Vossler a respeito, para confrontá-lo ao de Cassirer.

Em outros pontos da sua monografia, Mercedes Rein demonstra que não atuou ali na qualidade de mera transcritora do apreendido na obra do filósofo.

Contudo, a fim de avivar o recorte de certas idéias e projetá-las com intensidade no espírito do leitor, cremos que não seria descabida, indicação mais larga a certas influências ou inspirações que se exerceram sôbre aquelas, em estádios da evolução mental do pensador, influências essas que a autora mal aponta ou, às vêzes, se esquece de acentuar.

Assim, as relações de Humboldt com Cassirer, patenteadas com relêvo em "A linguagem e a construção do mundo dos objetos" — produção que chegou a ser considerada verdadeira paráfrase humboldtiana — não merecem o grau de interêsse que se lhes devera emprestar.

Pois, nesse ensaio se verifica sem esfôrço que ambos partem daquela idéia decisiva de que a linguagem é a forma do pensamento humano, da "adesão do pensamento à palavra" — segundo já frisou José Maria Valverde.

A poderosa atuação de Herder, denominado o "Copérnico da História", certamente requeria algumas linhas de atenção, visto que a sua influência sôbre o espírito de Cassirer se manifesta em uma das etapas mais representativas da sua existência intelectual, aquela em que começam a absolvê-lo os problemas teóricos da cultura.

E foi pelo caminho da História — como já observou alguém — que o nosso pensador atingiu os domínios reflexivos da cultura, tomando-a para eixo das cogitações, depois que a "crítica da razão" deixa de ser o *leit-motiv* da sua especulação filosófica.

Daí por que o nome de Montesquieu deve igualmente ser lembrado nesses instantes cruciais do seu processo mental.

Às presenças de Hegel e de Goethe na vida espiritual de Cassirer não alude a autora, que também silencia acêrca dos pendores artísticos e do espírito humanista de Cassirer como fatôres concorrentes à marcha do seu pensamento rumo à fenomenologia da cultura.

Ao mencionar o ecletismo do pensamento de Cassirer em sua última fase, cremos que não seria imprudência desejar que a autora se houvesse feito mais explícita e incisiva, apontando diretamente as correntes intelectuais, os sistemas ou princípios que concorrem para assinalar êsse ecletismo de indiscutível repercussão sôbre a sua filosofia da linguagem, em que ela mesma destaca dois momentos, o último dos quais se acha refletido nas considerações gerais do filósofo expendidas no livro sôbre a lógica das ciências da cultura.

Então o objeto da filosofia da linguagem vem a ser "uma análise fenomenológica da essência da linguagem" e esta, "em rigor, só pode ser, dentro do panorama das formas simbólicas, uma análise da essência da linguagem em plano estritamente fenomenológico" — consoante registra a própria autora.

Ainda, em outro curso de idéias, e visando a destacar a sua significação no campo científico da linguagem, esperávamos que M. Rein, de forma precisa, buscasse indicar a posição fundamental do pensamento de Cassirer em face de escolas lingüísticas contemporâneas, quais a funcionalista e a estruturalista.

Nada perderíamos, sem dúvida, com essas contribuições ilustrativas à brilhante exposição divulgada pela intelectual de Montevidéu, focalizando a obra de um pensador que, não obstante o pequeno espaço que lhe reservam, em seus livros, certos historiadores da filosofia, se projetou extensamente no domínio das filosofias da linguagem e da cultura.

FLORIVAL SERAINE